

EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS: COMO ENCONTROS DE FORMAÇÃO CONTRIBUEM NA CONSTRUÇÃO DE DOCENTES ANTIRRACISTAS.

Autor/a: Kianny Oliveira Dias¹

Coautor/a: Neuza Maria Sant'Anna de Oliveira²

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar alguns resultados da ação extensionista intitulada: Escrevivendo práticas pedagógicas antirracistas: diálogos formativos com/entre professores, onde desenvolvemos encontros/formação entre professores da educação básica e estudantes de licenciaturas a fim de promover diálogos e trocas de práticas antirracistas nas salas de aula da educação básica. Nossa fundamentação teórica e metodológica está alicerçada em dois conceitos fundamentais, que são: Escrevivência e circularidade dos saberes, conceitos esses propostos por Evaristo e Trindade respectivamente. A escrevivência se apresenta como um alargamento dos gêneros acadêmicos e logo, como uma possibilidade outra de ser e estar no mundo, ou melhor, como um lugar onde protagonismo é negro e feminino, como a maioria das salas de aula no primeiro segmento da educação básica. A circularidade dos saberes, como um dos valores civilizatórios afrobrasileiro, nos aponta para o movimento, a circularidade, a renovação, o processo, a coletividade, pois é impossível pensar a educação antirracista sem a troca entre os indivíduos. Todos os encontros/formação da ação extensionista são pensados e organizados para atender a multiplicidade do fazer docente na perspectiva da educação antirracista, por essa razão apresentaremos alguns encontros e o impacto que eles trouxeram nos participantes. Pensando em resultados parciais e qualitativos, esses indicam que a criação de espaços de escuta, partilha e reflexão contribui para o rompimento do isolamento docente, para o fortalecimento da implementação da Lei nº 10.639/2003 e para a produção de novas epistemologias ancoradas nas experiências vividas em sala de aula. Logo, podemos reafirmar que iniciativas extensionistas dessa natureza reafirmam o papel social da universidade e sua responsabilidade na formação de educadores/as comprometidos/as com a justiça racial e social.

¹ Graduanda de pedagogia, mulher negra e oriunda de comunidade periférica. Bolsista do projeto Escrevivendo práticas pedagógicas antirracistas: diálogos formativos com/entre professores, desenvolve estudos e práticas para a formação docente e à educação antirracista. E-mail: kiannydias0@gmail.com

² Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, lotada no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), Professora da Rede Municipal de Nova Iguaçu. É Doutora em educação pelo Programa de Pós- Graduação da Universidade Federal Fluminense (2023). Mestre em educação pelo Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc- UFRJ) (2014). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-2010). Tem experiência em educação com ênfase na educação básica. É coordenadora da extensão : Escrevivendo práticas antirracista na Educação Básica. É membra do Grupo de Estudos em Práticas Educativas, Juventudes e Infâncias (GEPEJUERJ) e Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturas (GPMC - UFRJ). Tem interesse de estudo na área Educação antirracista, com ênfase, interseccionalidades, raça, gênero e literatura afro-brasileira e africanas. neuka2017@gmail.com

Palavras-chave: prática antirracista; escrevivência; circularidade; encontros/formação de professores.

Introdução

A obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, instituída pela Lei nº 10.639/2003, representou um marco importante na luta do movimento negro por uma educação comprometida com a superação do racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Passados mais de vinte anos de sua promulgação, ainda se observam lacunas significativas em sua efetiva implementação nas escolas da educação básica.

Entre os desafios identificados, destacam-se a falta de espaços formativos voltados ao diálogo entre professores/as, o desconhecimento acerca de saberes ancestrais afro-brasileiros e africanos e a permanência de currículos e práticas pedagógicas eurocentradas. Soma-se a isso o cansaço e o isolamento vivenciados por docentes que, de forma individual, buscam desenvolver práticas antirracistas em seus contextos escolares.

Nesse contexto, o artigo está organizado de modo a apresentar, inicialmente, os fundamentos que orientam a proposta formativa desenvolvida na ação extensionista. Em seguida, são discutidos os caminhos metodológicos construídos a partir do diálogo entre professores/as da educação básica, estudantes de licenciatura e outros profissionais, com ênfase nos conceitos de escrevivência, circularidade dos saberes e formação continuada. Por fim, são apresentados os desafios, limites e possibilidades da experiência, evidenciando os impactos formativos da proposta e suas contribuições para o fortalecimento de práticas pedagógicas antirracistas.

Diante desse cenário, o presente artigo pretende apresentar alguns resultados da ação extensionista intitulada: Escrevivendo práticas pedagógicas antirracistas: diálogos formativos com/entre professores, onde desenvolvemos encontros/formação entre professores da educação básica e estudantes de licenciaturas a fim de promover diálogos e trocas de práticas antirracistas nas salas de aula da educação básica.

Caminhos de diálogos e construção

A proposta metodológica da ação extensionista constrói-se a partir de uma perspectiva dialógica, participativa e situada, que reconhece a formação docente como um processo

coletivo e contínuo. Os encontros formativos são pensados como espaços de escuta, troca e construção conjunta de conhecimentos, envolvendo professores/as da educação básica, estudantes de licenciatura e outros profissionais. Nessa proposta, as experiências vividas no cotidiano escolar assumem centralidade, tornando-se ponto de partida para a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas e para o fortalecimento de ações comprometidas com a educação antirracista.

O conceito de escrevivência, formulado por Conceição Evaristo, atravessa a ação extensionista como fundamento teórico-metodológico e como prática formativa. A escrevivência compreende a escrita como expressão da experiência, da memória e da coletividade, rompendo com a ideia de neutralidade do conhecimento. No contexto dos encontros, a escrita e a oralidade tornam-se instrumentos potentes para que os/as participantes narrem suas trajetórias, compartilhem vivências e reflitam sobre as marcas do racismo presentes em suas práticas e percursos formativos, possibilitando processos de ressignificação do fazer docente.

A circularidade dos saberes orienta a organização dos encontros e a forma como o conhecimento é produzido coletivamente. Inspirada em epistemologias negras e ancestrais, essa perspectiva rompe com modelos formativos hierarquizados e lineares, propondo um movimento contínuo de troca entre os sujeitos envolvidos. Nos diálogos estabelecidos, saberes acadêmicos, populares, territoriais e experienciais se entrelaçam, permitindo que todos/as ensinem e aprendam simultaneamente. A circularidade, nesse sentido, fortalece o coletivo e amplia as possibilidades de construção de práticas pedagógicas antirracistas.

As reflexões desenvolvidas na ação extensionista dialogam com o pensamento de Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, especialmente no que se refere às noções de circularidade, território e ancestralidade. Ao criticar as epistemologias coloniais, Nego Bispo propõe outras formas de produzir conhecimento, fundamentadas na oralidade, na coletividade e na relação com o território. Suas contribuições orientam a compreensão da formação como prática de resistência e continuidade da vida, inspirando a ação extensionista a valorizar saberes historicamente marginalizados e a fortalecer uma proposta formativa comprometida com a memória, a partilha e a transformação social.

Práticas pedagógicas antirracistas e a Lei nº 10.639/2003

A Lei nº 10.639/2003 estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todas as etapas da educação básica, reconhecendo a centralidade da população negra na constituição da sociedade brasileira. Contudo, conforme aponta Gomes (2017), a efetivação dessa legislação exige mais do que sua inserção formal nos currículos; demanda uma mudança epistemológica e política no modo como o conhecimento é produzido e legitimado na escola.

As práticas pedagógicas antirracistas assumem, nesse contexto, um papel fundamental, uma vez que buscam problematizar o racismo, valorizar identidades negras e promover relações educativas pautadas na equidade. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tais práticas tornam-se ainda mais relevantes, considerando que é nesse período que se constroem percepções sobre identidade, pertencimento e diferença.

Entretanto, muitos/as docentes relatam dificuldades para desenvolver essas práticas, seja pela ausência de formação continuada específica, seja pela falta de espaços institucionais que promovam a troca de experiências e saberes. É nesse ponto que a extensão universitária se apresenta como uma possibilidade potente de articulação entre universidade e escola básica.

Os encontros/formações e nossas experiências formativas.

Os encontros formativos da ação extensionista foram organizados de modo a favorecer o diálogo, a escuta e a construção coletiva de saberes, respeitando os tempos, trajetórias e experiências dos sujeitos envolvidos. Realizados de forma online, os encontros aconteciam trimestralmente, às segundas-feiras, no período noturno, o que possibilitou a participação de professores/as da educação básica, estudantes de licenciatura e outros profissionais interessados/as na temática da educação antirracista. A escolha desse formato buscou ampliar o acesso e criar um espaço formativo possível diante das demandas e condições de trabalho dos/as participantes.

A estrutura dos encontros foi pensada a partir de um tema central previamente definido, que orientava as discussões e os diálogos formativos. Cada encontro se organizava em momentos articulados entre si: inicialmente, realizava-se a apresentação do tema e dos/as convidados/as, seguida pela partilha de experiências e práticas pedagógicas desenvolvidas nos contextos escolares. Esses relatos serviam como ponto de partida para o diálogo com

referenciais teóricos, promovendo um movimento contínuo entre prática e reflexão, no qual as vivências dos/as participantes eram constantemente problematizadas e ressignificadas.

Ao longo dos encontros, a diversidade de vozes e experiências contribuiu para a construção de um ambiente formativo marcado pelo acolhimento e pelo reconhecimento mútuo. Professores/as, estudantes e profissionais de diferentes áreas puderam compartilhar desafios, inquietações e estratégias de enfrentamento ao racismo no cotidiano escolar, rompendo com o isolamento frequentemente vivenciado por aqueles/as que desenvolvem práticas antirracistas. Essas trocas fortaleceram vínculos, ampliaram repertórios e reafirmaram a formação como um processo coletivo, atravessado por afetos, escuta e compromisso político.

As experiências formativas construídas nesses encontros evidenciam a potência da extensão universitária como espaço de articulação entre universidade e escola básica. Ao valorizar as narrativas, memórias e saberes dos sujeitos envolvidos, a ação extensionista reafirma a formação continuada como prática viva, situada e comprometida com a transformação das realidades educacionais, contribuindo para o fortalecimento de práticas pedagógicas antirracistas e socialmente referenciadas.

Organização e funcionamento da ação extensionista

A dinâmica dos encontros fundamenta-se no princípio da circularidade dos saberes e no movimento prática–teoria–prática. A partir do tema proposto, são promovidos diálogos com diferentes profissionais da educação e de áreas afins, que compartilham suas experiências, reflexões e práticas pedagógicas antirracistas. Além dos/os professores/os participantes, a ação extensionista convida estudantes de licenciatura e outros/as profissionais interessados/as, ampliando o espaço de escuta, partilha e construção coletiva de conhecimentos.

Esses encontros configuram-se como espaços formativos abertos, nos quais a diversidade de trajetórias, saberes e experiências contribui para o fortalecimento das práticas antirracistas e para a construção de epistemologias comprometidas com a valorização dos saberes afro-brasileiros. A proposta formativa prioriza o diálogo, a troca e a reflexão coletiva, compreendendo a formação docente como um processo contínuo, colaborativo e situado.

Podemos destacar alguns dos últimos encontros/formação que abordamos os seguintes temas: Por uma Educação Física antirracista; Memórias e práticas pedagógicas antirracistas; Práticas antirracistas com e para crianças com deficiências. Além de destacar o impacto que eles nos causou, em especial no processo formativo de uma graduanda em seus períodos finais.

O encontro intitulado *Por uma Educação Física antirracista* teve como foco a problematização das práticas corporais no contexto escolar, discutindo o corpo negro, as relações raciais nos esportes e jogos, bem como a necessidade de romper com estereótipos historicamente construídos no campo da Educação Física. O diálogo possibilitou refletir sobre práticas pedagógicas que valorizem a diversidade corporal, cultural e identitária das crianças.

Olhar com mais atenção para as práticas corporais desenvolvidas no espaço escolar, foi algo em que até o momento, não percebia como algo importante para o processo formativo de crianças negras. As discussões evidenciaram que o corpo negro, nas aulas de Educação Física, muitas vezes é atravessado por expectativas, estigmas e hierarquizações que reproduzem desigualdades raciais. Aprendi que é fundamental questionarmos quais corpos são valorizados, quais são invisibilizados e de que maneira nossas práticas pedagógicas contribuem para isso. Essa reflexão me levou a compreender a Educação Física como um espaço potente para o enfrentamento do racismo, no qual é possível construir práticas que reconheçam e valorizem a diversidade corporal, cultural e identitária das crianças.

Memórias e práticas pedagógicas antirracistas centrou-se na valorização das memórias docentes e escolares como elementos fundamentais para a construção de práticas educativas comprometidas com a educação antirracista. A partir das narrativas compartilhadas, foi possível refletir sobre trajetórias pessoais e profissionais, reconhecendo a memória como um potente instrumento formativo e político na luta contra o racismo.

As histórias compartilhadas nesse encontro formação, me fizeram entender como as trajetórias dos professores são marcadas por vivências de resistência ao racismo, além de práticas de luta e reinvenção educacional. A reflexão em grupo reforçou a ideia de que a memória não se restringe ao que já ocorreu, mas se apresenta como uma ferramenta formativa e política, capaz de reconfigurar a prática educacional e fortalecer o compromisso com uma educação antirracista, fundamentada nas experiências que foram vividas.

O encontro formação *Práticas antirracistas com e para crianças com deficiências* ampliou o debate ao articular a perspectiva antirracista com a educação inclusiva. As discussões abordaram a necessidade de pensar práticas pedagógicas que considerem, de forma interseccional, as questões raciais e as deficiências, reafirmando o compromisso com uma educação que reconheça e valorize as diferenças, assegurando o direito à aprendizagem e à participação de todas as crianças.

As conversas mostraram que não dá para combater o racismo na escola sem considerar, de forma interseccional, as diferentes opressões que as crianças enfrentam, especialmente aquelas com deficiência. Esse encontro foi importante para que pudéssemos refletir sobre como as práticas pedagógicas, quando não levam em conta as diferenças, podem acabar reforçando a exclusão e o silenciamento. Isso reitera a necessidade de criarmos ações que reconheçam as particularidades de cada criança, garantindo não só o acesso à escola, mas uma participação verdadeira e o direito de aprender de todos e todas.

Essas temáticas ampliam o debate sobre a educação antirracista ao dialogarem com diferentes áreas do conhecimento e com a perspectiva da educação inclusiva, reafirmando o compromisso de nossa ação extensionista com uma formação docente crítica, plural e socialmente referenciada.

Formação continuada de professores/as e extensão universitária

A formação continuada de professores/as ocupa lugar central nesta ação extensionista, não como ação pontual ou complementar, mas como processo permanente, construído coletivamente e ancorado nas experiências vividas no cotidiano escolar. Ao longo dos encontros, tornou-se evidente que muitos/as docentes carregam lacunas formativas no que diz respeito às relações étnico-raciais, resultado de trajetórias acadêmicas que pouco abordaram, de modo sistemático, o enfrentamento do racismo e suas implicações pedagógicas.

Nesse contexto, os espaços formativos criados pela ação extensionista têm possibilitado a reflexão crítica sobre práticas, discursos e silenciamentos presentes na escola. As discussões realizadas, atravessadas pelas narrativas e escrituras compartilhadas, revelam que a formação continuada se fortalece quando parte das experiências concretas dos/as professores/as, reconhecendo-os/as como sujeitos produtores de conhecimento e não apenas como receptores de teorias prontas.

A proposta extensionista distancia-se, portanto, de modelos verticalizados de formação, ao apostar em uma lógica horizontal de diálogo e escuta. Nos encontros, as trocas entre professores/as, estudantes e profissionais de diferentes áreas têm favorecido a construção de saberes situados, sensíveis às realidades escolares e comprometidos com a transformação das práticas pedagógicas.

A extensão universitária, nesse sentido, assume papel fundamental ao aproximar a universidade das demandas reais da educação básica. Essa aproximação não apenas fortalece a formação docente, como também contribui para a constituição de redes de apoio e pertencimento, especialmente entre professores/as que, muitas vezes, atuam de forma isolada em seus contextos escolares ao desenvolver práticas antirracistas.

Desafios, limites e possibilidades da formação antirracista

A implementação de propostas formativas voltadas à educação antirracista ocorre em meio a desafios concretos. Ao longo do desenvolvimento de ação extensionista, observou-se que a sobrecarga de trabalho docente, aliada às condições estruturais da escola e às resistências ainda presentes frente ao debate racial, impacta diretamente na participação e continuidade dos/as professores/as nos processos formativos.

Entre os limites da ação extensionista, destaca-se a periodicidade trimestral dos encontros e o formato online, que, embora ampliem o alcance da ação, podem restringir o acompanhamento mais próximo das práticas desenvolvidas pelos/as participantes. Além disso, por tratar-se de uma ação extensionista em andamento, os resultados apresentados configuram-se como parciais, construídos a partir das reflexões, diálogos e experiências compartilhadas nos encontros.

Apesar desses desafios, a ação extensionista aponta importantes possibilidades formativas. As trocas realizadas têm fortalecido redes colaborativas, ampliado o repertório teórico-prático dos/as participantes e reafirmado a formação continuada como espaço de resistência, cuidado e reinvenção das práticas pedagógicas. A sistematização dessas experiências, por meio da escrevivência, abre caminhos para a produção de materiais pedagógicos, pesquisas e novas ações extensionistas, reforçando o compromisso com uma educação antirracista, inclusiva e socialmente referenciada.

A implementação de propostas formativas voltadas à educação antirracista, embora necessária e urgente, não ocorre sem desafios. Entre os principais obstáculos identificados ao longo do desenvolvimento da ação extensionista, destaca-se a sobrecarga de trabalho vivenciada por professores/as da educação básica, o que, muitas vezes, dificulta a participação contínua em ações de formação continuada. Soma-se a isso o próprio racismo estrutural presente nas instituições escolares e na sociedade, que, por vezes, se manifesta por meio de resistências, silenciamentos e da desvalorização das práticas antirracistas.

A ação extensionista apresenta inúmeras possibilidades formativas. Entre elas, destacam-se o fortalecimento de redes de apoio entre professores/as comprometidos/as com a educação antirracista, a ampliação dos diálogos interdisciplinares e interseccionais, bem como a continuidade e expansão da proposta para novos ciclos formativos. Ademais, a sistematização das experiências vividas, por meio da escrevivência, aponta para a produção de materiais pedagógicos, artigos científicos e outras formas de socialização dos conhecimentos construídos coletivamente, reafirmando o potencial transformador da formação continuada articulada à extensão universitária.

Considerações finais

A experiência extensionista apresentada neste artigo evidencia a importância da criação de espaços coletivos de diálogo e formação continuada para professores/as dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A escrevivência, articulada à circularidade dos saberes, mostrou-se um caminho potente para a produção de conhecimentos situados, sensíveis e comprometidos com a prática antirracista.

Os resultados parciais indicam que a partilha de experiências contribui para o fortalecimento da implementação da Lei nº 10.639/2003, para o rompimento do isolamento docente e para a construção de práticas pedagógicas mais conscientes e transformadoras. Conclui-se que iniciativas extensionistas dessa natureza reafirmam o papel social da universidade e sua responsabilidade na formação de educadores/as comprometidos/as com a justiça racial e social.

Referências

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União: Brasília, 10 jan. 2003.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FELISBERTO, Fernanda. Escrevivências como rotas de escritas acadêmicas. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Somos da terra*. Belo Horizonte: Piseagrama, 2018.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil. In: *Valores afro-brasileiros na Educação*. Boletim Salto para o Futuro, v. 22, p. 30–36, 2005.